

A criatividade como potencializadora do processo gestalt-terapêutico

Creativity as an empowering resource of gestalt-therapy process

Larissa Lehmkuhl

RESUMO

O presente artigo objetiva compartilhar reflexões sobre a Criatividade na perspectiva da Gestalt-terapia. Para isso, tratar-se-á sobre como foi e vem sendo compreendida a Criatividade na literatura e, em seguida, como se dá a sua relação com a Gestalt-terapia (GT). Embasou-se então na compreensão de conceitos essenciais à abordagem, desmistificando a concepção histórica de que a Criatividade é exclusiva de pessoas que a possuem como um “dom” e observando que o ser humano pode transformar-se e reinventar sua maneira de ser-no-mundo, ou seja, pode estabelecer um contato que é de fato ajustamento criativo.

Palavras-chave: Criatividade; Gestalt-terapia; Ajustamento Criativo.

ABSTRACT

In this article I share thoughts about Creativity within the Gestalt-therapy approach. Therefore, I will talk about how Creativity has been acknowledged in the existing literature and which associations can be made with Gestalt-therapy (GT). Based on essential concepts of the approach, I aim to demystify the historical concept that Creativity is exclusive for ones who have it as a "gift" and observe that a human being can change and reinvent its way of being-in-the-world. In other words, can conceive a contact that is in fact creative adjustment.

Key words: Creativity; Gestalt-therapy; Creative Adjustment.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compartilhar algumas reflexões sobre a Criatividade na perspectiva da Gestalt-terapia, tema que tomou a atenção da pesquisadora durante a prática como gestalt-terapeuta iniciante. Tal experiência foi possível a partir do estágio realizado na Clínica Social e Comunitária do Centro Comunidade Gestáltica – Clínica e Escola de Psicoterapia. Nesta, havia a possibilidade de atender a comunidade de baixa renda de maneira gratuita, realizando atendimentos psicoterapêuticos com o suporte de supervisoras clínica e acadêmica e ainda com o dos demais estagiários da Universidade Federal de Santa Catarina.

A Gestalt-terapia (GT) foi criada nos Estados Unidos e iniciou no Brasil nos anos de 1970, sendo rapidamente assimilada como prática (RODRIGUES, 2000). Em sua concepção, compreende-se o ser humano como um todo - o que é chamado de holismo -, ou seja, é entendido como um sistema que interatua com o meio e é composto por partes que interagem e que são diferentes de sua simples somatória. Em tal sistema, compreende-se que há uma unidade da mente e do corpo, não sendo possível considerar os pensamentos, sentimentos e sensações como independentes.

Neste sentido, a Gestalt-terapia considera como autolocalização e temporalidade o conceito do *aqui-e-agora*, proveniente das bases fenomenológicas dessa abordagem. Isso não significa ignorar a historicidade do sujeito nem o seu constante movimento para o futuro, mas sim valorizar a vivência de fato, e não explicações sobre essa vivência, como quando se afirma que há uma causa no passado que, de certa maneira, controla o presente (POLSTER; POLSTER, 1979).

Entende-se que a Gestalt-terapia possibilita olhar o sujeito e o mundo como integrados, considerando a possibilidade de transformação de ambos a partir do movimento que o primeiro elabora neste mundo e de como é tocado por ele, que se dá de maneira criativa. É sob essa óptica que o tema da Criatividade estará sendo abordado. Utilizou-se para isso autores-chave da Gestalt-terapia, como Perls, Hefferline e Goodman (1997) e Polster e Polster (1979), bem como referências a respeito do tema que possibilitassem uma visão geral (não necessariamente científica), como o Dicionário do Aurélio online; na sequência, buscou-se um entendimento específico para a Psicologia a partir de autores como Vigotski (2009), Lubart (2007) e Seabra (2008) para então verificar como a Criatividade é tratada na perspectiva da GT, com Zinker (2007) e Ciornai (1995), por exemplo. Buscou-se ainda por autores que permitissem a compreensão da relação entre Criatividade e Gestalt-terapia em diferentes práticas do(a) terapeuta, sendo exemplos Silva, Carvalho e Lima (2013), que se referem à Arteterapia, e Oliveira (2010), ao tratar da psicoterapia infantil, a fim de auxiliar no entendimento de como se dá o processo criativo e como pode ser favorecido.

Considerando a criatividade um elemento inerente ao ser humano e que, dessa forma, não deve ser ignorada no processo da Gestalt-terapia, tem-se como

objetivo principal esclarecer a forma como a GT a utiliza como instrumento de trabalho no *setting* terapêutico. Dessa maneira, busca-se nesse trabalho expor alguns conceitos de Criatividade existentes, especialmente em livros e artigos do campo da Psicologia, e apontar posteriormente em que momentos encontram a abordagem da Gestalt-terapia, elucidando também os conceitos apreendidos pela pesquisadora ao longo de sua prática como Gestalt-terapeuta iniciante.

1 - DE QUE CRIATIVIDADE FALAMOS?

Segundo o Dicionário do Aurélio online¹ (s/d), a criatividade pode ser interpretada como a “Capacidade de criar, de inventar”, a “Qualidade de quem tem ideias originais, de quem é criativo” e/ou ainda a “Capacidade que o falante de uma língua tem de criar novos enunciados sem que os tenha ouvido ou dito anteriormente”.

Como se vê, a criatividade é por vezes tratada como algo excepcional do ser humano, quase como um dom exclusivo de algumas pessoas. A Psicologia da Criatividade, em algumas vertentes, tem conseguido desmistificar aos poucos essa concepção, abordando a problemática há algum tempo. Um dos autores que trabalham nesse sentido é Lubart, em seu livro *Psicologia da criatividade* (2007), em que apresenta a história desse conceito e aponta como é construída tal ideia.

Percorrendo o tempo com o autor, encontra-se Platão que, por exemplo, “[...] dizia que um poeta não pode criar sem que a musa lhe inspire e deseje. O poeta, indivíduo extraordinário porque foi escolhido pelos deuses, exprime as ideias criativas que ele recebeu” (DACEY E LENNON, 1998 *apud* LUBART, 2007, p. 11). Em tal perspectiva o ser humano recebe a inspiração e a possibilidade criativa de alguma figura mística ou espírito, o que perdurou até o século passado. Também é apontada pelo autor (2007, p. 12) outra perspectiva que se iniciou com Aristóteles, de que a “[...] inspiração tem suas origens no interior do indivíduo, dentro do encadeamento de suas associações mentais, e não em intervenções divinas”, ou seja, a partir de então a possibilidade criativa passa a ser intrínseca ao sujeito, não mais proveniente de figuras externas.

Ainda historicamente, vê-se que o tema da Criatividade perdeu visibilidade durante o Império Romano e voltou a aparecer no Renascimento; neste, o “gênio criativo” passou a obter destaque, sendo resultado de algo tanto genético quanto de condições ambientais, porém, não mais dependente de fatores sobrenaturais (ALBERT; RUNCO, 1999 *apud* LUBART, 2007, p. 12).

Segundo o autor, diversos foram os estudos relacionados à criatividade² que visaram posteriormente explorar diferenças entre pessoas pouco e muito criativas, como se dava a criatividade, entre outros. Alguns destes são os

¹ Disponível em: <http://dicionariodoaurelio.com/criatividade>. Acesso em maio de 2015.

² Galton, 1879, 1883; Binet e Simon, 1950; Spearman, 1931, entre outros.

trabalhos de Guilford (1950, 1967), que expunham a criatividade como algo que se dá a partir da capacidade intelectual do indivíduo para detectar, analisar e resolver problemas. Já no final do século XX, a criatividade foi tratada como “[...] o resultado de uma convergência de fatores cognitivos, conativos e ambientais” (LUBAR, 1999 *apud* LUBART, 2007, p 15).

Tendo em vista a construção do conceito ao longo desse percurso histórico, a criatividade tem sido definida por alguns autores³ como “[...] a capacidade de realizar uma produção que seja ao mesmo tempo nova e adaptada ao contexto na qual ela se manifesta”, porém, parece que ainda é um conceito não consensual entre os profissionais da psicologia, sendo a ideia de algo exclusivo para algumas pessoas perpetuada até os dias atuais.

Money (1963 *apud* SEABRA, 2008) coloca que a criatividade é compreendida tendo em vista quatro facetas, que são a situação criativa, o produto da criatividade, o processo de criação (que é relacionado com a ideia da criatividade para a resolução de problemas) e a pessoa criativa, suas características. Ao encontro dessa ideia, verifica-se que essa série de facetas dificulta uma definição única da criatividade, pois é dependente do que se está observando: “É o sujeito criativo ou é criativo o produto da atividade específica de qualquer sujeito?” (SEABRA, 2008, p. 5).

Vigotski (1886-1934), psicólogo russo, tratou da criatividade como condição para existência e algo que está “[...] por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho” (VIGOTSKI, 2009, p. 14). Nesse sentido, não é percebida como exclusiva de alguns.

É nessa perspectiva que a criatividade vai ser então tratada nesse trabalho, não desconsiderando a complexidade e quantidade de perspectivas levadas em conta ao tratar do tema e atentando para o fato de que todos temos potencial criativo para transformar nossa própria realidade.

2 - GESTALT-TERAPIA E CRIATIVIDADE

Tendo em vista os diversos conceitos acerca de Criatividade apresentados, é possível estabelecer alguns diálogos com a Gestalt-terapia.

Um dos primeiros pontos, de acordo com Ciornai (1995), seria a própria concepção existencial de ser humano nessa abordagem, na qual ele é considerado um ser que se transforma constantemente, jamais está pronto, acabado; assim, reorganiza-se através da sua relação com o meio de maneira criativa, constituindo cada vez mais sua singularidade a partir da sua experiência que é única. Nesse sentido, pensando os pressupostos existenciais

³ Amabile, 1996; Barron, 1988; Lubart, 1994; MacKinnon, 1962; Ochse, 1990; Sternberg e Lubart, 1995 *apud* Lubart, 2007.

e a concepção de criatividade para Vigotski (2009), é possível verificar que o significado dado às vivências emocionais de cada um é também único, pois a forma como se vive a experiência e sentem-se as emoções depende também do seu fundo e da sua relação com o mundo.

Essa concepção associa-se ao que aponta Oliveira (2010, p. 361), que a criatividade na Gestalt-terapia relaciona-se à visão de homem e que *“compreender o homem como um ser criativo é atribuir a este ser a capacidade de recriar sua história, de construir caminhos, de encontrar novas possibilidades de ‘ser-no-mundo’”*. Dessa maneira, é possível pensar a criatividade como um suporte, ou seja, como algo que potencializa o homem para viver como protagonista, como ser ativo da sua existência, elaborando as diferentes alternativas frente às diferentes situações que lhe aparecem – e que por vezes são experienciadas como iguais a situações anteriores do decorrer de sua história.

É necessário destacar onde se dá a experiência para a Gestalt-terapia e como a criatividade está implicada nesse contexto. Conceitos fundamentais são o de *contato* e de *fronteira de contato*. Para Perls, Hefferline e Goodman (1997), o organismo é limitado do meio pela fronteira de contato - e não separado dele – sendo que este é também tocado pela fronteira. Assim, é na fronteira de contato que se dá a relação entre ambos: o ser inicia sua experiência a partir de algo do meio que mobiliza sua sensorialidade e torna-se figura⁴ para ele, abrindo-se, dessa forma, uma necessidade para o organismo. Nesse movimento são observadas possibilidades e limites de ação existentes para a satisfação da necessidade em aberto. O contato se “encerra” quando esta é satisfeita, ou seja, a figura formada é destruída, o que permite então o delineamento de uma nova figura de interesse para ele. De acordo com Polster e Polster (1979),

[...] nossas funções sensoriais e motoras são potencialmente as funções através das quais o contato é feito, mas é importante lembrar que, da mesma forma que o todo é mais do que meramente a soma das suas partes, o contato é mais do que a soma de todas as funções possíveis que poderiam entrar nele (POLSTER; POLSTER, 1979, p. 103).

Conforme Perls, Hefferline e Goodman (1997), apenas o novo é assimilável e essa assimilação, que se dá no presente, transforma o sujeito para o futuro, pois o homem também é diferente da soma das suas mais diversas situações já vividas, ele vai ressignificando e passando a viver diferentemente. É possível afirmar que existe uma adaptação do ser de acordo com o que lhe é assimilável no *aqui-e-agora* e com a modificação do seu presente.

⁴ É importante citar também a compreensão de figura e fundo. Tal conceito, que provém da Psicologia da Gestalt, considera que a figura, que é o que nos capta a atenção, não está isolada, ou seja, emerge de um fundo que a sustenta. A figura é uma necessidade que nos aparece a partir de algo que toca nossa sensorialidade e fica em aberto, havendo então a busca pelo fechamento. Já o fundo, de acordo com Rodrigues (2000) é “[...] tudo o que nos cerca, nós próprios, nossa história ... Enfim, tudo o que possa servir como contexto para o surgimento de algo” (p. 112).

O contato pode ser chamado então de ajustamento criativo quando seu fluxo é fluido, pois nesse ciclo de abertura e fechamento de *Gestalten* se ajusta o que já é conhecido de maneira nova, criativa, tendo em vista as diferentes possibilidades e limitações percebidas. Não é necessário que o cliente, ao buscar psicoterapia, fique tentando estabelecer uma mudança, pois ao contatar “a mudança simplesmente ocorre” (POLSTER; POLSTER, 1979, p. 102).

É no contato que se dá a *awareness*, que pode ser concebida como um processo de dar-se conta de si mesmo a partir dessa relação com o meio. Ela é caracterizada pelo próprio processo do fluxo figura-fundo, ou seja, existe um excitação espontâneo e uma transformação do que é experienciado a partir disso, abrindo-se nova figura e assimilando-se a novidade ao já conhecido, tanto de forma sensorial, motora (orientando a ação, mobilizando energia) quanto reflexiva (dando novos significados) (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Tendo em vista que ao contatar lida-se com o novo, é possível concordar com Silva, Carvalho e Lima (2013) e Ciornai (1995, p. 2) quando colocam que “*todo contato é potencialmente criativo*”; também nota-se que a criatividade não é dependente apenas “do indivíduo”, sendo necessária interação com o meio para que seja despertada. Um exemplo é quando me deparo com algo que desejo produzir, como este trabalho; necessito tanto do meu fundo, meu suporte, carregado de informações e experiências sobre as temáticas aqui tratadas - ou seja, provenientes de contato anterior com o meio -, quanto dos materiais para a escrita, que pertencem ao meio, entre diversas outras possibilidades. Porém, nessa interação eu dou um novo significado à informação anteriormente obtida e elaboro um texto diferente, com o meu olhar, eu renovo dando prioridade a fatores que me parecem mais relevantes e que me tocam de forma que seja para mim uma necessidade explorá-los. Assim, destaca-se que o objeto criado tanto possui minhas impressões como sujeito quanto me constitui como sujeito ao passo que me transformo durante sua criação, o que demonstra, de acordo com Silva, Carvalho e Lima (2013), a interconstituição de sujeito e objeto.

Na prática da Gestalt-terapia um conceito que se apresenta referente à Criatividade é o de saúde. Para Rodrigues (2000, p. 47), saúde “[...] *implica em reconhecimento da capacidade do indivíduo em manter-se em contato com seu contexto [...]*”.

Nesse sentido, tem-se a compreensão da *auto-regulação orgânica*, que se refere à capacidade que todos temos de adaptar nossas respostas às mais diversas demandas do meio que nos surgem, de forma a satisfazer a nossa necessidade em aberto, sendo esse movimento natural e saudável. Tal ideia iniciou-se com os estudos de Kurt Goldstein, neurologista e psiquiatra alemão, que considerava existir uma busca do organismo por equilíbrio frente às configurações do meio.

A Gestalt-terapia compartilha com a teoria orgânica de Kurt Goldstein da ideia de que tentativa de repetição de padrões de

comportamentos já conhecidos, a não mudança e não exposição a situações novas é uma tentativa dos indivíduos de não lidar com a ansiedade gerada pelo inesperado. Quando há uma cristalização deste padrão, a Gestalt-terapia vai entendê-la como um padrão neurótico de comportamento, padrão este que vai levando ao empobrecimento das experiências do sujeito, a um repertório repetitivo e limitado de comportamentos que não propiciam a mudança (LIMA, 2009, p. 89).

Ou seja, quando não é alcançado um equilíbrio porque as respostas se repetem e a necessidade real do sujeito continua não sendo completamente satisfeita, está ocorrendo um funcionamento não saudável, tornando-se um contato não criativo com o meio (OLIVEIRA, 2010; CIORNAI, 1995). Dessa maneira, a criação de formas de auto-regulação são essenciais para esse organismo.

Se a pessoa, em interação com o meio, construiu esse modo de ser ao longo do tempo (com cristalização de comportamentos e contato interrompido), pode-se considerar que houve também uma tentativa de equilíbrio, visando à forma como ela percebeu como mais adequada ao contexto que se encontrava. Porém, percebe-se que “dar respostas velhas a situações novas” dificulta a experimentação de possibilidades perante as novas situações - inclusive nas relações sociais -, fazendo parte com frequência das queixas na psicoterapia.

Conforme coloca Tsallis (2014, p. 168), “*ter sempre a mesma resposta equivale a não ter resposta nenhuma [...]*”, o que remete aos conceitos de vazio estéril e vazio fértil. Rodrigues (2000) aponta que em virtude de uma necessidade de preencher esse vazio e acabar com a angústia da situação em aberto, acaba-se preenchendo-o com coisas que na verdade são inadequadas, não lhe servem. Isso é o chamado vazio estéril, e estando nele é difícil que se criem novas possibilidades.

Nesse sentido, outro conceito importante é o da Indiferença Criativa. Perls (2002) relata que para alcançar uma visão mais abrangente do todo é relevante encontrar determinado ponto, o ponto zero, elaborado a partir do referido conceito, proveniente dos escritos de Friedlaender:

Em seu livro, *Creative indifference*, Friedlaender apresenta a teoria de que todo evento está relacionado a um ponto-zero, a partir do qual ocorre uma diferenciação em opostos. Esses opostos apresentam, em seu *contexto específico*, uma grande afinidade entre si. Permanecendo atentos no centro, podemos adquirir uma habilidade criativa para ver ambos os lados de uma ocorrência e completar uma metade incompleta (PERLS, 2002, p. 45-46).

Dessa forma, o conceito de indiferença criativa visa estabelecer um ponto-zero para poder olhar os dois polos do mesmo fenômeno, diferenciá-los e observar as semelhanças, permitindo então verificar como se completam esses extremos e quais as possibilidades abertas por cada um deles, utilizando o pensamento diferencial. Busca-se assim não estagnar as experiências, mas torná-las múltiplas em toda a sua complexidade, sabendo a cada fechamento

que ali há também uma nova abertura (TSALLIS, 2014). Um exemplo da multiplicidade de opções existentes é trazido por Perls (2002), sobre o uso do calor: pode servir tanto para desunir moléculas quanto para soldá-las, não possui uma única funcionalidade. Ao experimentar o que se acredita pertencente a uma polaridade no polo oposto, recusando-se a aceitar apenas um polo como verdadeiro, experimenta-se o vazio fértil, que permite a descoberta do que realmente cabe ao sujeito para preenchê-lo.

É importante que o gestalt-terapeuta também tenha o olhar atento para as polaridades trazidas pelo cliente, para o foco dado e o ângulo pelo qual se está observando as situações vividas. Joseph Zinker (2007) foi um psicoterapeuta americano que escreveu sobre a criatividade como fundamental no processo da Gestalt-terapia, não apenas para o funcionamento saudável do cliente, mas também como necessária à metodologia do gestalt-terapeuta. De acordo com o autor, “[...] o processo criativo é prejudicado quando cliente e terapeuta inadvertidamente se identificam com partes isoladas da personalidade do cliente: o terapeuta anseia por mudanças e o cliente luta com unhas e dentes por sua ‘integridade’” (ZINKER, 2007, p. 34).

O terapeuta tem o papel de criar e disponibilizar as mais variadas formas de condução da psicoterapia (como o próprio experimento, por exemplo) a fim de auxiliar o cliente a estar *aware* do seu próprio movimento no mundo e possibilitando a escolha sobre a condição sob a qual prefere continuar esse movimento. De acordo com Polster e Polster (1979), o experimento pode ser utilizado de modo a expandir as fronteiras habituais do cliente, ou seja, possibilita uma maneira de entrar em contato com suas mais diversas questões de forma segura, sendo importante que o terapeuta observe se é possível para o cliente estabelecer esse contato no momento.

Isso vai ao encontro também do que coloca Oliveira (2010), que “[...] não pensaremos numa forma de tornar o cliente [...] um ser adaptado às situações do seu contexto no sentido de adequá-lo ao que está sendo solicitado. E sim, trabalharemos com a intenção de desenvolver sua possibilidade de escolha [...]” (p. 361).

Nesse sentido, de acordo com Zinker (2007, p. 17), verifica-se que “a terapia é um processo de mudança de *awareness* e do comportamento”, o que remete às definições de criatividade que tratam da elaboração do novo: não significa que o cliente vai necessariamente alterar sua forma de viver, mas, estando consciente do que se passa, a própria experiência torna-se nova. O autor ainda, perante a ideia já exposta de que a criatividade é restrita a algumas pessoas, que possuem o “talento” da criatividade ou a “permissão” profissional para usá-la, afirma que “o ato criativo é uma necessidade tão básica quanto respirar ou fazer amor”, o que possibilita entender que é fundamental a todos (ZINKER, 2007, p. 21).

Por fim, percebe-se então que a criatividade está presente na constituição do sujeito e que é possível visualizá-la e utilizá-la para promover mais saúde para

o mesmo, sendo o Gestalt-terapeuta também reinventado constantemente nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos primeiros pontos observados é a importância da crença na transformação do ser humano. Pensar a criatividade é entender que é possível reinventar-se e estabelecer diferentes concepções que são constantemente mutáveis; tal processo não é planejado: ele acontece, assim como a vida.

Da mesma maneira, percebe-se que o contato criativo possibilita o crescimento do ser humano. Pensando na Gestalt-terapia, vê-se que não cabe ao terapeuta “forçar” um crescimento do cliente, mas é necessário que ele seja um facilitador desse processo, utilizando experimentos, por exemplo, a partir da sua sensibilidade no campo. Tal crescimento significa também possibilitar que a relação cliente-terapeuta seja interdependente, ou seja, é importante que o terapeuta permita o caminhar do cliente sem tornar-se “uma muleta” e sem que se coloque ou deixe colocar-se no lugar de “detentor do que é certo fazer”: não cabe ao gestalt-terapeuta fazer interpretações e nem dar respostas, o que, diga-se de passagem, é um desafio tendo em vista a lógica mecanicista em que fomos constituídos.

Outro ponto a ser levantado é o fato de que, não é necessário utilizar todas as técnicas conhecidas pela abordagem gestáltica (cadeira vazia, dramatização, etc.) para dizer-se criativo e/ou possibilitar ao cliente o contato criativo. Um “ouvir” do terapeuta, aparentemente simples, pode ser o que o cliente necessita no momento; ser ouvido pode ser algo que ele não costuma vivenciar, tornando-se o experimentar de algo novo e potencializador de *awareness*. Da mesma forma, ouvir sem demais intervenções (ou sem intervenções demais) também pode ser um processo pouco experimentado pelo terapeuta: se houver contato criativo, ambos crescem no processo.

Quando o terapeuta ouve ativamente e utiliza da sua criatividade para possibilitar que o cliente esteja *aware* das polaridades existentes - olhando juntamente a partir de um *ponto-zero* estabelecido -, é possível que ambos deem novos significados para as mais diversas situações abertas nesse processo e caminhem juntos para o encontro de coisas que realmente estejam acessíveis e sejam desejadas pelo cliente.

A partir do presente artigo foi possível perceber algumas relações do tema com a experiência como gestalt-terapeuta iniciante. Penso que ainda é possível explorar mais a respeito da utilização e interrupção da criatividade do gestalt-terapeuta, tão fundamental para o processo terapêutico quanto o fundo a respeito do tema. Conforme descrito inicialmente, o objetivo deste artigo foi fazer uma reflexão sobre a criatividade na Gestalt-terapia, contudo, ao adentrar este estudo pode-se observar a relevância do tema como instrumento de mudança e, assim, sugere-se um estudo de caso onde possa exemplificar de modo prático tal relevância.

Por fim, ressalta-se novamente que o processo criativo é pertencente a todo o ser humano e que não há uma concepção de ideal a respeito da criatividade: cada um é criativo da maneira como lhe é possível. Sendo assim, vê-se que cabe ao gestalt-terapeuta não buscar respostas para o que aparece ao cliente na relação terapêutica, mas sim o auxiliar a criar suas próprias respostas, descobrindo assim diferentes maneiras de trilhar seus caminhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIORNAI, S. Relação entre criatividade e saúde na Gestalt-terapia. **Revista do I Encontro Goiano de Gestalt-terapia**. Palestra apresentada em 1995, no I Encontro Goiano de Gestalt-terapia, publicada em 1995 na Revista do ITGT (Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia) n. 1, Goiânia, 1995. Disponível em: <<http://www.profala.com/artpsico40.htm>>. Acesso em: 08 de maio de 2015.

DICIONÁRIO do Aurélio. **Significado de Criatividade**. s/d. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/criatividade>>. Acesso em: 10 de maio de 2015.

LIMA, P. A. Criatividade na Gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 9, n. 1, p. 87-97, 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a08.pdf>>. Acesso em: 08 de maio de 2015.

LUBART, T. **Psicologia da Criatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, D. C. A. de. **Recriando histórias: o desabrochar da capacidade criativa em crianças a partir da gestalt-terapia**. IGT na Rede, v. 7, n. 13, p. 354-367, 2010. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/ojs>>. Acesso em: 08 de maio de 2015.

PERLS, F. S. Pensamento Diferencial. In:_____. **Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud**. Trad. Georges D. J. Bloc Boris. São Paulo: Summus, 2002. cap. 1, p. 43-57.

PERLS, F.S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Trad. Fernando Rosa Ribeiro. 2 ed. São Paulo: Summus, 1997.

POLSTER, E.; POLSTER, M. A Fronteira do Contato. In:_____. **Gestalt-terapia Integrada**. Trad. De Ricardo Britto Rocha. Belo Horizonte: Interlivros, 1979. cap. 5, p. 100-123.

RODRIGUES, H. E. **Introdução à Gestalt-terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEHMKUHL, Larissa - *A criatividade como potencializadora do processo gestalt-terapêutico*

SEABRA, J. M. **Criatividade**. Psicologia.com.pt: O portal dos psicólogos. 11. Jul. 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0104.pdf>>. Acesso em: 08 de maio de 2015.

SILVA, M. C.; CARVALHO, E. M. de.; LIMA, R. D. de. Arteterapia Gestáltica e suas relações com o processo criativo. **IGT na Rede**, v. 10, n. 18, p. 18-36, 2013. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/ojs>>. Acesso em: 08 de maio de 2015.

TSALLIS, A. C. Indiferença criativa: uma possibilidade pragmática do método fenomenológico. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. [orgs]. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. cap. 9, p. 163-179.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

ZINKER, J. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. Trad. Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 2007.

Endereço para correspondência

Larissa Lehmkuhl

E-mail: larilehmkuhl@gmail.com

Recebido em: 16/10/2015

Aprovado em: 19/01/2016

NOTA

Graduada em 2015 na Universidade Federal de Santa Catarina, cursando licenciatura em Psicologia.